

A COR MAIS QUENTE

“Como compreender que falta algo ao coração? ”Evocada numa aula de literatura numa classe do ensino fundamental, essa questão – pela qual Pierre Marivaux capta a sutileza do desejo em seu romance *A vida de Marianne* (1731) -, é o ponto de partida escolhido pelo cineasta Abdellatif Kechiche para a exploração do despertar do desejo e do sexo da jovem Adele em seu filme “Azul é a cor mais quente”, vencedor da Palma de Ouro na última edição do Festival de Cannes.

O primeiro capítulo abre com a constatação de que Adele, aos quinze anos, não questiona o fato de que “moças saem com rapazes”. A Thomas, um colega pelo qual se encanta, ela oferece sua virgindade no anseio de encontrar junto a ele o que lhe “falta”. A relação, contudo, se revela insatisfatória para Adele, que não dá prosseguimento a esta, para grande desapontamento do rapaz.

Ela acredita, em seguida, poder encontrar o de que seu “coração sente falta”, nos braços de Emma, chique estudante da Escola de Belas Artes, de vinte e poucos anos, de cabelos tingidos de azul. *Blue is the Warmest Color* (*Azul é a mais quente das cores*) - título da novela gráfica de Julie Maroch na qual o filme se inspira, expressa bem o encantamento de Adele por essa mulher cujos cabelos azuis a envolvem numa áurea de mistério feminino. Em busca de uma referência para a sua identidade feminina junto a Emma, Adele aceita, com toda a naturalidade, ser introduzida por esta no mundo do amor homossexual.

VÍNCULOS ROMPIDOS

“Filmes são a memória de nosso tempo” – disse um dia a atriz Maria Schneider. *A vida de Adele* ilustra a existência de mulheres de hoje que não necessariamente se orientaram desde a infância ou

adolescência para a homossexualidade, isto é, para as quais a relação sexual com homens não deixara de parecer atraente, tanto é que, com os homens, iniciaram sua vida sexual. No entanto, por alguma circunstância e por diferentes motivos, tais mulheres romperam esse vínculo com os homens, “abandonaram” o terreno do amor aos homens. E muitas passaram a escolher uma mulher, ou outras mulheres, “se apaixonaram”, abraçando com naturalidade a relação física decorrente.

Embora a homossexualidade feminina tenha estado tão presente, através das épocas históricas e em diferentes culturas quanto à homossexualidade masculina, ela sempre foi mais discreta e menos exposta ao público. Hoje, ela saiu das sombras, muito em função da psicanálise, que pôs em questão uma suposta “naturalidade biológica” da sexualidade dos seres humanos.

Na histeria feminina – de cujo estudo Freud fez uma porta para a invenção da psicanálise –, ele identificou uma “tendência” homossexual. Não sem relutância, inicialmente. Apesar de Dora, sua paciente, dar indícios de seu amor e de sua fascinação por uma mulher mais velha, amiga da família e amante de seu pai, a Sra. K., Freud prefere pensar na “vitória do amor entre um homem e uma mulher” e procura convencer a jovem de que ela estava mesmo apaixonada pelo Sr. K., marido da Sra. K. O fracasso da análise – Dora abandona o tratamento – faz Freud refletir sobre o que deixara de ver: o interesse homossexual de Dora. Interesse pelo que esta outra mulher representa para ela: aquela que detém um saber sobre a feminilidade do qual ela se sente desprovida. É o caso da histérica que se identifica, pois, ao amor e ao desejo do homem por uma mulher idealizada e, através dele, busca chegar à esta outra que supostamente sabe o que “ser mulher é”.

MULHER, O OUTRO SEXO

A questão feminina por excelência – “O que é A Mulher?” – é o enigma que polariza a relação da mulher ao inconsciente. Isto porque se os homens dispõem de um representante de seu sexo no inconsciente – o falo, masculino por tomar apoio imaginário no membro viril – a mulher não dispõe de um símbolo próprio ao seu sexo; ela depende, portanto, normalmente da mediação do homem para ter acesso a este “outro sexo” que a representa no inconsciente. A mulher é este outro sexo” tanto para o homem quanto para ela própria.

Na época atual, a do declínio do esplendor e da potência do papel do pai, e na qual o masculino não detém mais o poder, é cada vez mais frequente – históricas ou não - descartarem a intervenção do homem para procurar alcançar “diretamente” a feminilidade de outra mulher, sem mediação masculina.

Nessas condições, é lógico encontrarem-se mais e mais comumente mulheres que, abandonando uma “tendência” homossexual inconsciente - isto é, recalcada e, portanto, marcada por uma ausência de manifestação – adotam uma posição consciente de atração pelo feminino numa outra mulher.

Que o sexo e o amor podem se conjugar, unindo duas pessoas que, no fundo, nem sempre têm coisas em comum - e que, às vezes, acabarão se separando - é o aspecto explorado no segundo capítulo do filme, quando Emma e Adele já moram juntas há algum tempo.

Trata-se, então, de compreender como os casais se esforçam - e nem sempre conseguem – de ultrapassar diferenças, que perturbam a harmonia do casal, embora o sexo continue bom. Em sua cena final – em que a ruptura entre as duas mulheres inflige uma perda profunda a Adele –, o filme de Kechiche mostra que a questão de Marivaux é

sempre atual.